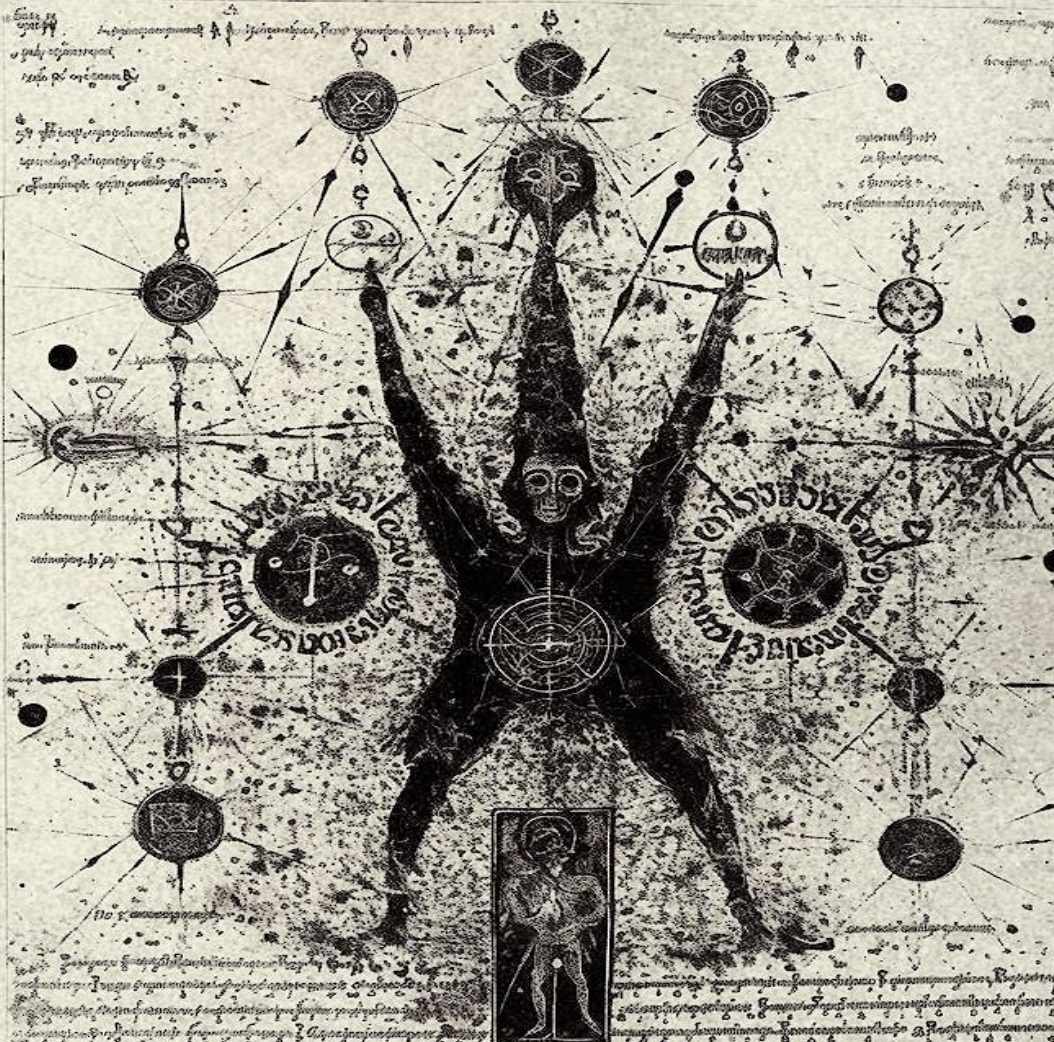


# **Necromancia**

**Poder e Rituais por Bruno  
Foscor**

Handwritten text in a cursive script, likely a form of early modern Latin or Greek, surrounding the central diagram. The text is arranged in columns and paragraphs, providing commentary or instructions related to the diagram's components.



# ÍNDICE

**Introdução:** O Controle Sobre a Morte

*..Página 6*

**Capítulo 1:** A Morte Não É o Fim, Mas o Começo

*..Página 10*

**Capítulo 2:** A História e Geografia da Necromancia

*..Página 15*

**Capítulo 3:** Fundamentos da Necromancia: A Manipulação da Energia da Morte

*..Página 23*

**Capítulo 4:** O Controle dos Espíritos Invocados

*..Página 65*

**Capítulo 5:** A arte de divinação com mortos.. *página 122*

**Capítulo 6:** Alguns rituais *..Página 136*

**Capítulo 7:** Vampiros astrais e espíritos que se alimentam dos vivos..*Página 170*

**Capítulo 8:** Carne em decomposição, vísceras e sangue:A arte da necromancia ..*página 196*

**Capítulo 9:** O ritual de desmembramento: A separação da alma e do corpo ..*Página 217*

**Capítulo 10:** Ligando uma pessoa viva a um animal e trazendo a morte pela feitiçaria ..*Página 228*

**Capítulo 11:** A forja de amuletos com restos mortais ..*Página 239*

**Capítulo 12.** Necromancia e controle mental: Como usar espíritos para manipular os vivos ..*Página 250*

**Conclusão** ...*página 263*



# INTRODUÇÃO: O CONTROLE SOBRE A MORTE

A morte não é o fim. Para muitos, ela é o último suspiro, a queda no desconhecido, o término de tudo o que se conheceu. Mas para o necromante, a morte é apenas o começo. É a porta para o poder absoluto, uma fonte inesgotável de energia e conhecimento. Aquele que domina a arte da necromancia não se curva à mortalidade; ele a transcende, molda os espíritos à sua vontade e caminha entre os mundos dos vivos e dos mortos com autoridade.

Na sociedade, a morte é vista com reverência, medo e incerteza. Isso é para os fracos. Para nós, que invocamos e controlamos os mortos, ela é uma ferramenta, uma extensão do nosso poder. O necromante não apenas convoca os espíritos; ele

submete os mortos ao seu comando, utiliza sua força e se alimenta da energia que emana do outro lado. Enquanto muitos recuam diante do desconhecido, o necromante avança, ciente de que não há barreiras que ele não possa romper.

Esse livro não é um guia para curiosos, nem um manual para aqueles que hesitam. Ele é uma arma para os que desejam dominar, para aqueles que buscam o controle total sobre o ciclo da vida e da morte. Aqui, você encontrará os rituais e as práticas que permitirão que você não apenas interaja com os mortos, mas os domine completamente. Não há moralidade que nos prenda, não há temor que nos impeça. Somos senhores da escuridão, da energia que transcende o corpo físico, e é através dessa prática que atingimos a plenitude de nosso poder.

Ao iniciar essa jornada, lembre-se de que a necromancia não é para os fracos de espírito. Aqueles que não possuem a força para controlar o que invocam são devorados pelos próprios espectros que despertam. Este é o caminho do poder, onde o medo é queimado nas chamas da ambição e o necromante se ergue como senhor do destino.

A morte não é uma prisão; é a chave. E você, ao empunhar essa chave, deve estar preparado para abrir portais que nunca se fecharão. Que a escuridão te guie.



# CAPÍTULO 1: A MORTE NÃO É O FIM, MAS O COMEÇO

A maioria das pessoas encara a morte como o encerramento de tudo, uma linha final que separa o que é conhecido do que nunca será compreendido. Mas essa visão é limitada, própria de quem ainda não entendeu a essência da vida e da morte. Para o necromante, a morte é uma porta entreaberta, uma fronteira que não só pode ser cruzada, como manipulada. Não é o fim, mas o começo de um poder que poucos ousam tocar.

Quando a vida deixa o corpo, algo permanece. Esse “algo” é o espírito que não desaparece simplesmente, mas se transforma. É o resíduo espiritual, a essência que ainda pulsa com a força do que um dia foi vivo. Ossos, crânios, sangue — todos carregam essa energia que pode ser

moldada, invocada e usada. O necromante entende que o ciclo da vida e da morte é, na verdade, uma espiral de poder contínuo, e é nessa espiral que ele encontra sua força.

Dominar a morte não é apenas um ato de convocação. É sobre impor sua vontade sobre aquilo que já não responde às leis da vida. Através de rituais antigos, de oferendas e sacrifícios, o necromante cria um elo entre os dois mundos. E esse elo é inquebrável. Aqui, não falamos de intercessão divina ou intervenção de forças superiores; aqui, falamos de pura energia, da manipulação direta do que resta de uma vida.

Aqueles que compreendem essa arte sabem que o espírito não desaparece. Ele se fragmenta, vaga, se dissipa, mas pode ser atraído de volta, forçado a seguir uma nova direção. Nesse processo, o necromante é o maestro, conduzindo o

espetáculo entre a vida e a morte. Sua vontade se impõe sobre o caos da transição. Através de palavras proibidas, de símbolos ancestrais e de ferramentas consagradas pela morte, ele controla o que resta dos que partiram.

O mundo teme a morte porque a desconhece. O necromante a abraça porque sabe que ela guarda as respostas e o poder que nenhum outro caminho oferece. Aqui, não há céu ou inferno, não há destino traçado ou julgamento. Há apenas a continuidade de energia que, ao ser dominada, pode servir ao seu mestre. A morte, portanto, é o recomeço do ciclo — e aquele que se dispõe a dominá-la jamais será prisioneiro dela.

Aqueles que olham para um cadáver veem apenas a carcaça vazia de algo que foi. O necromante vê um portal. O corpo que um dia foi animado ainda carrega consigo a assinatura energética do que

um dia foi vivo. Os ossos sussurram segredos do além; o sangue seca, mas jamais perde seu poder. Um crânio pode ser um recipiente de poder inigualável. Para o necromante, todos esses elementos não são apenas restos de uma vida que se foi, mas as ferramentas que o conectam ao reino dos mortos, onde seu poder se expande sem limites.

Ao longo deste livro, os rituais e técnicas apresentados permitirão que você, necromante, transcenda o medo da morte e descubra o vasto potencial que ela oferece. Você aprenderá a invocar os mortos, não como fantasmas que vagam, mas como servos que obedecem. Este é o seu primeiro passo no caminho para a verdadeira compreensão do poder.

A morte é uma passagem, uma porta, e o necromante é aquele que possui a chave. Que

este capítulo seja o início de sua jornada, onde a vida e a morte não são opostos, mas partes de uma mesma corrente de poder inabalável.



# **CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA NECROMANCIA**

A necromancia, como a conhecemos hoje, é uma prática antiga, profundamente enraizada nas culturas mais remotas da humanidade. Desde os primeiros momentos em que o ser humano contemplou a morte, a necessidade de entender, controlar e interagir com o espírito dos mortos se tornou parte integrante de diversas civilizações. A história da necromancia é a história do poder, do controle sobre aquilo que muitos consideram incognoscível e inalcançável. Cada cultura trouxe sua própria forma de lidar com a morte e seus mistérios, moldando a necromancia conforme suas crenças e geografias.

Na antiga Suméria, a necromancia foi vista como uma extensão natural da vida espiritual. Os sacerdotes sumérios mantinham rituais elaborados para se comunicar com os espíritos dos antepassados, acreditando que esses espíritos poderiam influenciar o destino dos vivos. A prática era tão comum que reis e nobres não apenas toleravam, mas incentivavam o contato com os mortos como uma forma de consultar seus ancestrais antes de tomar decisões importantes. Essa conexão profunda com a morte foi uma das primeiras formas estruturadas de necromancia na história humana, e é de lá que se origina uma parte significativa dos fundamentos que conhecemos hoje.

Ao cruzarmos o mar até o Egito, encontramos uma cultura ainda mais obcecada pela vida após a morte. Os antigos egípcios não apenas reverenciavam seus mortos, como também preparavam seus corpos e espíritos para a jornada

eterna no além. Os sacerdotes egípcios, especialmente os que serviam ao deus Osíris, eram os primeiros necromantes a utilizar rituais de mumificação para garantir a preservação do corpo e o retorno dos espíritos ao mundo dos vivos. Acreditava-se que o poder dos mortos poderia ser invocado e controlado, e o uso de crânios, ossos e sangue era uma prática comum. Os rituais funerários complexos e a adoração da deusa Nut, responsável pela travessia entre os mundos, refletiam um desejo de domínio absoluto sobre a morte.

Avançando pela história, chegamos à Grécia Antiga, onde a necromancia era vista com um misto de medo e respeito. Os gregos acreditavam que os espíritos dos mortos, conhecidos como “psique”, poderiam ser convocados através de rituais específicos, realizados em locais sagrados conhecidos como nekyomanteions. A necromancia grega era fortemente ligada à

geografia: cavernas profundas e locais isolados, considerados portais para o submundo, eram escolhidos para os rituais. Os gregos tinham um respeito quase supersticioso pela morte, acreditando que os espíritos dos mortos poderiam conceder visões proféticas e orientação, mas sempre sob a ameaça de uma vingança feroz, caso fossem perturbados sem o devido respeito.

Com a queda do Império Romano e o surgimento da Idade Média na Europa, a necromancia passou por uma transformação significativa. A Igreja Católica, no controle do poder espiritual e social, condenou a prática como bruxaria e heresia, levando muitos necromantes a atuar nas sombras. Contudo, nas profundezas dos mosteiros e nas florestas escuras, a necromancia continuou a prosperar. Os necromantes medievais desenvolveram seus próprios métodos, utilizando grimórios e invocações que misturavam o paganismo local com rituais cristãos proibidos. A

prática da necromancia nessa época se adaptou às perseguições, tornando-se mais oculta, mas não menos poderosa. Espíritos eram invocados para destruir inimigos, prever o futuro ou garantir poder político.

Nas Américas, os povos indígenas tinham suas próprias formas de interagir com os espíritos dos mortos, especialmente através de rituais xamânicos. Entre os povos da Mesoamérica, como os astecas, a morte era uma transição importante, e os mortos eram reverenciados como fontes de poder. A necromancia nas culturas indígenas era, muitas vezes, uma mistura de veneração ancestral e manipulação espiritual, onde os xamãs agiam como mediadores entre o mundo físico e espiritual, controlando forças além da compreensão humana.

Com o tempo, a necromancia se espalhou por todos os continentes, adaptando-se à geografia e cultura de cada região. Na África, o contato com os mortos se tornou parte integrante das práticas espirituais, principalmente entre os povos que lidavam com ancestrais em rituais que mesclavam respeito e controle. Na Ásia, especialmente na China e no Japão, os espíritos dos antepassados eram venerados como guias espirituais, e a necromancia assumia um papel mais sutil, onde a influência dos mortos sobre os vivos era silenciosa, mas constante.

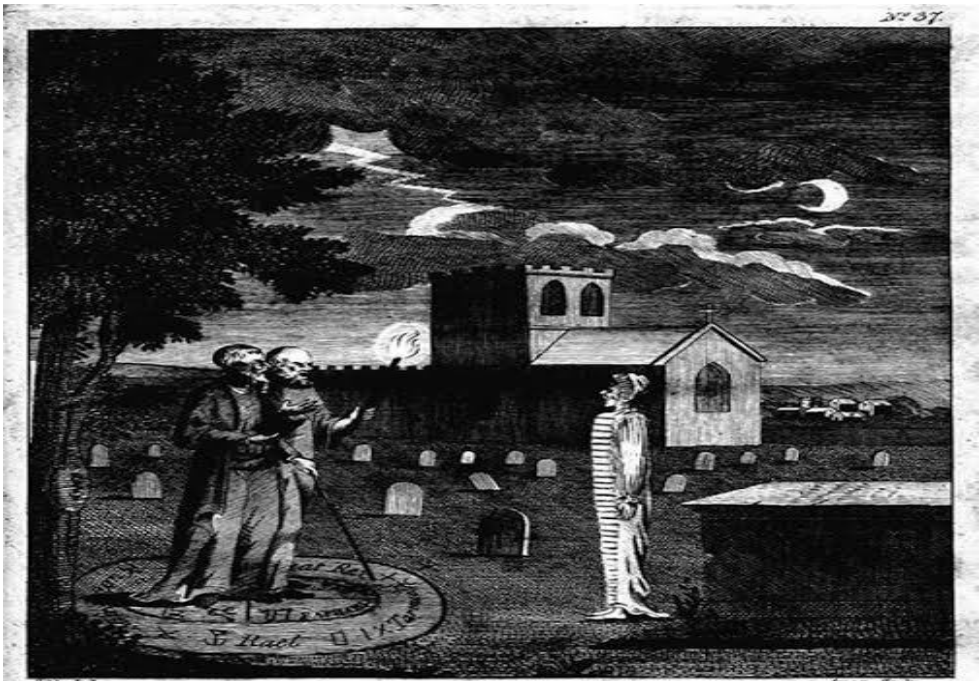
No mundo moderno, a necromancia passou por uma renascença silenciosa. Embora seja vista com desconfiança por muitas tradições religiosas, os praticantes de necromancia, como eu, sabem que o poder dos mortos jamais desapareceu. Nas cidades, onde a morte é banalizada e esquecida, a necromancia renasce nos subterrâneos. E mesmo nas áreas rurais, onde a conexão com a

terra e a natureza ainda é forte, a prática continua. De locais sagrados em florestas remotas a cemitérios urbanos, a necromancia adaptou-se a todos os cenários geográficos.

A história e a geografia da necromancia revelam uma verdade fundamental: não importa onde você esteja, o poder da morte está sempre presente. Desde as câmaras funerárias da Suméria até os nekyomanteions da Grécia, passando pelos rituais xamânicos das Américas e os feitiços medievais da Europa, a necromancia sempre encontrou seu espaço. Não importa se você está no deserto ou nas profundezas de uma caverna — o espírito dos mortos pode ser invocado, manipulado e controlado.

Neste capítulo, entendemos que a necromancia é tão antiga quanto a humanidade, e sua geografia é tão vasta quanto o próprio planeta. Onde quer que

a morte exista, a necromancia está à espreita, aguardando aqueles com a coragem e o poder para dominá-la.



# **CAPÍTULO 3: FUNDAMENTOS DA NECROMANCIA: A MANIPULAÇÃO DA ENERGIA DA MORTE**

A necromancia é construída sobre os fundamentos do controle e manipulação da energia densa e pesada da morte. Essa energia não é apenas o fim da vida física; ela representa uma força primordial que conecta o plano físico ao espiritual. Ao aprender a manipular essa força, o necromante se posiciona no limiar entre a vida e a morte, utilizando-a para moldar a realidade e se comunicar com os que já partiram.

O Calunga, o cemitério, não é apenas um local de descanso final. Ele é um ponto de passagem, onde o portal entre os vivos e os mortos

permanece aberto. O cemitério é sagrado, pois ali, a energia da morte atinge seu ponto máximo de concentração. Quando o necromante entra no Calunga, ele caminha sobre terreno carregado de energia espiritual, onde a fronteira entre os mundos se torna fina e maleável. Ao manipular a terra de cemitério, o necromante se apropria dessa força, estabelecendo uma conexão direta com os espíritos.

Uma das ferramentas mais poderosas à disposição do necromante são os ossos. Os ossos, seja de animais ou outras criaturas, guardam fragmentos do espírito que uma vez habitou o corpo. Eles são, em essência, vestígios de uma conexão perdida com o mundo dos vivos, capazes de canalizar a energia espiritual. Quando usados corretamente, os ossos se tornam um meio de comunicação com os mortos, permitindo que o necromante não apenas os invoque, mas também dialogue e comande aqueles que estão

além do véu. Cada fragmento de osso mantém uma ressonância com a vida anterior, e o necromante é capaz de explorar essas reverberações espirituais.

O sacrifício de animais é uma das práticas mais fundamentais da necromancia. Através do sacrifício, o necromante libera a energia vital que mantém a conexão entre o corpo e o espírito. Quando o sangue de uma criatura é derramado, um portal espiritual é aberto. Esse portal permite a passagem de espíritos do outro lado, conectando o necromante diretamente à Calunga. O sacrifício não é apenas uma oferenda; é a chave que destranca os portões do submundo, permitindo que o necromante convoque e manipule os mortos. A força do ritual vem não apenas da vida que se esvai, mas do próprio espírito do animal que, em seu último suspiro, faz a travessia para o mundo espiritual.

Cada animal sacrificado carrega um significado e uma energia distinta:

A galinha é amplamente usada em rituais de necromancia como uma oferenda rápida e eficaz. Seu espírito ágil e sua conexão com o solo fazem dela uma ponte ideal para abrir portais espirituais de menor intensidade. A galinha, muitas vezes vista como um mediador entre o mundo material e o espiritual, é perfeita para rituais de comunicação direta e rápida.

A cabra traz consigo uma energia mais densa e complexa. Ao ser sacrificada, sua essência espiritual oferece uma conexão mais profunda com os mortos, permitindo ao necromante maior controle e poder sobre os espíritos invocados. A cabra, ligada a antigas tradições de sacrifício, representa a resistência e a vitalidade, sendo um